



AMAURI SEGALLA

MERCADO S/A

amaurisegalla@diariosassociados.com.br

O BRASIL É, ATUALMENTE, O EPICENTRO DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS, APESAR DE MUITAS AUTORIDADES CONTINUAREM A NEGAR A GRAVIDADE DE SITUAÇÃO.

O mundo dá as costas para o Brasil

Nas últimas semanas, no menos 100 países estabeleceram uma série de restrições para dificultar a entrada de brasileiros. O motivo é o mesmo: o Brasil é atualmente o epicentro da pandemia do coronavírus, apesar de muitas autoridades continuarem a negar a gravidade de situação. Além de provocar estragos óbvios no turismo, as barreiras afetam diversos setores. Os exportadores de frangos receberam nos últimos dias uma informação preocupante: o Departamento de Agricultura das Filipinas pode criar embargos à carne brasileira. O motivo é o temor do governo local em enviar técnicos para inspecionar frigoríficos no Brasil e expor seus funcionários ao risco de contaminação. Até o esporte sofre. Nesta semana, a seleção brasileira feminina de basquete descobriu que não poderá disputar o sul-americano da categoria. A Colômbia, sede do torneio, vetou a entrada das jogadoras. Como se vê, o mundo decidiu virar as costas para o Brasil.

Samsung está em busca de boas idéias

Você tem uma ideia consistente para um novo negócio na área de tecnologia? Se a resposta for sim, a Samsung pode ficar interessada em contribuir para o desenvolvimento de seu projeto. A empresa sul-coreana lançou, no Brasil, o programa de capacitação Ocean Novos Negócios, que consiste principalmente em estimular a criação de soluções inovadoras para dispositivos móveis, como smartphones e tablets. Os vinte projetos selecionados terão mentoria da Universidade de São Paulo.

JHSF fatura com fuga para o interior

A fuga para o interior, movimento estimulado pela possibilidade de trabalhar em casa, revigorou os resultados da JHSF, empresa que controla shoppings, hotéis e empreendimentos voltados para a alta renda. As vendas da Fazenda Boa Vista, condomínio de luxo mais exclusivo do Brasil, subiram 36% no primeiro trimestre na comparação com o período anterior. No Boa Vista Village, segunda fase do projeto que também fica na cidade de Porto Feliz, no interior paulista, as transações dispararam 1.600%.



JHSF/Reprodução

Monique Renne/CB/D.A Press - 10/3/10



Smart Fit amplia negócios no México

A rede brasileira Smart Fit assinou um memorando de intenções com o grupo Sports World, dono de 58 academias no México e que está avaliado em R\$ 150 milhões. Entre outras ações, o contrato prevê a junção da Sports World com a Latamgym, subsidiária mexicana da Smart Fit. Iniciado há uma década, o processo de internacionalização da Smart Fit foi bem-sucedido. Atualmente, a companhia está presente em 13 países da América Latina, região que continua a ser o principal foco do grupo.

Marcelo Camargo/Agencia Brasil



Nossa economia não depende do turismo"

Luís Fernando Serra, embaixador brasileiro na França, ao comentar a suspensão de voos da Europa para o Brasil por causa da pandemia. O turismo, ressalte-se, responde por 8% do PIB.

22%

foi quanto cresceu a produção de motos, no Brasil, em março na comparação com o mesmo mês do ano passado. Para a Abraciclo, a associação dos fabricantes, o resultado sinaliza o início da retomada.

RAPIDINHAS

O Sindicato Nacional da Indústria Farmacêutica (Sindusfarma) avalia que o aumento médio de 8,15% para os medicamentos vendidos sob prescrição não será suficiente para compensar a pressão de custos gerados pela pandemia. O reajuste, com vigência imediata, foi anunciado há alguns dias pela Câmara de Regulação do Mercado de Medicamentos.

Dois nomes conhecidos da área de aviação se associaram para criar uma empresa de propriedade compartilhada de aeronaves: Marcos Amaro, filho do fundador da TAM, Rolim Amaro, e David Barioni, ex-presidente da própria TAM, uniram forças para lançar no mercado a Amaro Aviation. A ideia é oferecer também serviços de táxi aéreo.

A aviação foi um dos setores mais afetados pela crise do coronavírus. Desde março do ano passado, as quatro principais companhias aéreas da América Latina (Aeromexico, Avianca, Copa e Latam) cancelaram o arrendamento de 130 aeronaves. A Latam é um exemplo das dificuldades. No final de 2019, a empresa tinha 342 aviões. Agora são 289.

A fabricante de produtos de higiene Granado não se intimidou com a crise. Apesar do fechamento temporário de lojas, a empresa cresceu 4% em 2020, o que se deve em boa medida às vendas on-line. A meta para 2021 é ambiciosa: abrir oito endereços próprios e encerrar o ano com aumento de 15% das vendas.

INSEGURANÇA ALIMENTAR

Persistência da pandemia coloca um número crescente de brasileiros sob risco de perder o acesso à alimentação. Levantamento mostra que, no fim do ano passado, 27% da população enfrentava um quadro grave do problema. Em 2004, esse percentual era de 16%

Luta diária pela sobrevivência

» ALEXIA OLIVEIRA*
» FERNANDA STRICKLAND*
» PEDRO ÍCARO*

Moradora de Palmas, a vendedora ambulante Letícia Lorenço, 38 anos, enfrenta uma situação cada vez mais presente na vida de brasileiros de baixa renda diante da persistência da pandemia do novo coronavírus: a dificuldade para comprar alimentos. "Passamos por muita dificuldade, principalmente, quando começou a pandemia. Sou ambulante, mas o dinheiro não é suficiente para comprar comida e pagar as contas, está muito apertado. Moro com seis pessoas e recebemos ajuda de um projeto social. Quando não tínhamos o que comer, tivemos que recorrer a doações", contou.

Letícia é uma das pessoas que integram a população que vive em situação de insegurança alimentar no Brasil. Como informou reportagem publicada ontem pelo *Correio*, mais da metade dos brasileiros não tem plenamente garantido o acesso à comida no país, segundo levantamento feito pelo Grupo de Pesquisa Alimentos por Justiça, da Freie Universität Berlin (Alemanha), em conjunto com pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Universidade de Brasília (UnB). De acordo com a pesquisa, a insegurança alimentar grave ou moderada atingiu 27,7% da população no final do ano passado, ou 58 milhões de brasileiros, contra 16,8% em 2004.

Em Palmas, Letícia recebe ajuda o projeto social Unidos por Um Mundo Melhor (UPMM). A coordenadora do projeto na ca-

pital do Tocantins, Júlia Albuquerque, afirmou que, com a chegada da pandemia o número de pessoas buscando o programa triplicou. "Antes mesmo da crise sanitária, muitas famílias estavam cadastradas e, com a pandemia, esse número triplicou. Infelizmente as doações não aumentaram. Muitas famílias não têm o básico, não tem café da manhã ou uma janta, e só o projeto social não dá conta de que elas tenham acesso ao que é delas por direito", disse.

"Estou desempregada, moro de favor e cuido de três filhos pequenos, passo por muitas dificuldades. Mesmo recebendo o Bolsa Família, o dinheiro não dá pra pagar as contas e comer. Quando estava sem comida em casa, tive que recorrer a uma amiga que me ajudou", conta Karen Mikaele dos Santos Lima de 26 anos, também residente em Palmas.

Em Brasília, Rejane Souza, 21 anos, é uma das representantes do projeto social Doe Amor. Há um ano voluntários promovem ações no Distrito Federal e Entorno. "No início, eu e minha irmã, Beatriz, vimos que muitas empresas tiveram que demitir funcionários e ficamos sensibilizadas. A empresa onde trabalhávamos juntas também foi um exemplo, ficávamos localizadas em uma comercial e foi entristecedor ver tantas pessoas sem emprego. Com isso nós tivemos a ideia de juntar esforços e montarmos cestas de doações para ajudar as famílias que estavam precisando. Assim surgiram as primeiras entregas", explicou.

*Estagiários sob a supervisão de Odail Figueiredo

Arquivo Pessoal



Brasília tem a cesta mais cara

» MARINA BARBOSA

Após 11 meses consecutivos de alta, a Associação Brasileira de Supermercados (Abras) afirma que já é possível observar um movimento de recuo e acomodação nos preços dos alimentos. A entidade explica que, em fevereiro, a cesta dos 35 produtos mais consumidos nos supermercados ficou 0,47% mais barata. O preço, no entanto, ainda é alto, sobretudo em Brasília, onde a cesta é a mais cara do país.

A cesta Abrasmercado observa o custo dos 35 produtos que mais aparecem na feira dos brasileiros e, mesmo com a redução de fevereiro, ainda custa R\$ 633,38. E o valor chega a R\$ 724,20 em Brasília. O menor valor não está muito longe daqui: é em Goiânia, onde a cesta sai por R\$ 497,80.

O alto custo da cesta Abrasmercado reflete o aumento expressivos dos alimentos nos últimos meses. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apesar da desacelera-

ção recente, a inflação da alimentação no domicílio acumula alta de 19,42% nos 12 meses encerrados em fevereiro. Além disso, naquele mês, a pesquisa apontou elevação na cebola (17,45%), farinha de mandioca (3,33%), açúcar (2,79%), ovos (2,65%) e leite em pó (2,63%). O cenário de preços altos afetou as vendas, que caíram 6,75% em fevereiro, em relação a janeiro.

Vice-presidente da Abras, Marcio Milan explicou que problemas climáticos afetaram o preço de produtos como a cebola. Porém, ressaltou que a entrada de novas safras favorece a redução de preços de outros itens, como o arroz, e disse que a manutenção dos níveis de exportação brasileira também enseja a acomodação de outros preços. "Em fevereiro, todas as regiões tiveram recuo ou acomodação nos preços, exceto no Nordeste", afirmou.

Coordenador do índice de preços da Fundação Getúlio Vargas (FGV), André Braz disse que nada garante que esse movimento continue nos próximos meses. "Começamos o ano com aumentos menos intensos, mas o real continua muito desvalorizado frente ao dólar e as novas safras não vão aumentar abruptamente a oferta de alimentos", alertou.



Estou desempregada, moro de favor e cuido de três filhos pequenos. Mesmo recebendo o Bolsa Família, o dinheiro não dá pra pagar as contas e comer. Quando estava sem comida em casa, tive que recorrer a uma amiga que me ajudou"

Karen Mikaele dos Santos Lima, moradora de Palmas.